

Manifestações Opositoristas no *Suplemento Cultura e Arte* do Jornal *O Comércio do Porto* (1958-1962)

– Luís Malva

Resumo

Durante o Estado Novo, enquanto se realizava a censura às publicações periódicas e não periódicas, o *Suplemento* literário *Cultura e Arte* tornou-se um espaço de participação de intelectuais opositores ao regime salazarista. Por se encontrar no diário *O Comércio do Porto*, um jornal de cariz conservador, foi conseguida uma desatenção da censura à colaboração de escritores opositores. O objetivo central será perceber de que formas e que peso teve esta participação oposicionista no *Cultura e Arte*.

Palavras-chave: Estado Novo; ditadura; oposição; imprensa; intelectuais.

Abstract

During Estado Novo, while it was done the censorship of periodical and non-periodical publications, the literary supplement *Cultura e Arte* became a participation space of intellectual opponents of the Salazarism. For being included in the daily *O Comércio do Porto*, a conservative-oriented newspaper, it was accomplished a listlessness of censorship to the collaboration of opposition writers. The main aim will be to perceive the ways and weight of this opposition participation in the *Cultura e Arte*.

Keywords: Estado Novo; dictatorship; opposition; press; intellectuals.

Introdução

O *Suplemento* literário *Cultura e Arte* do jornal *O Comércio do Porto* tornou-se um espaço de participação oposicionista ao Estado Novo conseguindo uma desatenção da censura por se encontrar num diário de cariz conservador. O objetivo central deste trabalho será perceber de que formas e que peso teve esta participação oposicionista no *Cultura e Arte* enquadrada nos vários domínios da oposição, interligada com o ambiente de agitação sociopolítica na cronologia proposta pretendendo-se constituir um panorama geral da visão do país transmitida por estes autores.

O período escolhido para análise, 1958 a 1962, caracteriza-se por um estado de agitação permanente em Portugal e, portanto, um momento provavelmente adequado a

manifestações críticas em relação ao Estado Novo. Dawn Linda Raby divide a história da resistência/oposição em Portugal em seis períodos distintos, sendo que este trabalho se enquadra no quinto período por ele estabelecido. Segundo o autor, entre 1957 e 1962 a luta antifascista em Portugal atinge o seu auge e surgem novas tendências na resistência:¹ populismo militar, catolicismo de esquerda e uma intensa insurreição civil e militar.²

Refletindo sobre o tema, após as primeiras leituras bibliográficas e uma consulta genérica da fonte foi possível estabelecer o seguinte conjunto de problemáticas orientadoras da investigação levada a cabo: perceber as várias formas de manifestação nos domínios da oposição, principalmente do intelectual/cultural/literário, e os seus principais movimentos durante este período; analisar o *Suplemento Cultura e Arte* evidenciando a sua estrutura externa, os seus colaboradores mais frequentes, as suas secções periódicas, a existência de edições especiais, entre outros aspetos; identificar os intelectuais opositores participantes regulares neste *Suplemento*; quantificar a sua participação em relação à totalidade dos autores e dos artigos por número, por ano e por toda a cronologia abrangente; distinguir o papel das secções periódicas da responsabilidade destes intelectuais neste *Suplemento*; evidenciar as temáticas mais frequentes tratadas por estes autores; analisar os conteúdos dos seus artigos; detetar manifestações críticas; articular estas intervenções com o contexto social, político e cultural da cronologia em foco.

Importante destacar que este trabalho tem como objetivo de estudo a produção escrita dos autores opositores e não possui como questão de investigação a receção a estes mesmos textos. Ou seja, não caberá neste trabalho a análise da tiragem do *Suplemento* (que é a mesma do diário *O Comércio do Porto*), a quantificação da sua aquisição pelo público, nem o impacto que estes textos e manifestações teriam na opinião pública.

Em primeiro lugar, foi necessário desdobrar os conceitos envolvidos na problemática para assim construir uma base bibliográfica sólida na medida em que não existem estudos realizados sobre este tema em particular, até à data. Assim, a obra de base que levou à escolha do tema foi a *História Literária do Porto Através das Suas Publicações Periódicas* de Alfredo Ribeiro dos Santos. A partir da seleção da temática,

¹ Este autor faz a distinção entre oposição e resistência, sendo que a primeira se traduz numa atividade política mais reduzida e pacífica, enquanto a segunda se repercute numa luta ativa contra o regime.

² Dawn Linda Raby, *A Resistência Antifascista em Portugal, 1941-1974* (Lisboa: Salamandra, D. L., 1990), 14.

foi necessário esclarecer alguns conceitos como o de “oposição” e “censura”. Para o esclarecimento de um sentido político do termo “oposição” e as suas movimentações neste período teve-se em conta a obra de Michal Kubát, *Political Opposition in Theory and Central European Practice*, *A Resistência Antifascista* de Dawn Linda Raby, *Caminhos para uma Revolução* de Jacinto Baptista e de Fernando Rosas Salazar e o *Poder: A Arte de Saber Durar*. Para o termo “censura”, uma percepção do condicionalismo à qual a produção cultural e intelectual estava sujeita, foram importantes obras como *Mutiladas e Proibidas* de Cândido de Azevedo. Para perceber o ambiente intelectual e cultural, nomeadamente no contexto da oposição, foram importantes as obras de Bruno Monteiro *A Política em todos os seus estados* e *Contributos para a História Social do Porto*, por este organizada, e ainda de João Madeira, *Engenheiros de Almas* e o capítulo “Os Intelectuais, o Poder e a Cidade. O Espaço Social dos Intelectuais do Porto no Estado Novo (1858-1965)” de Bruno Monteiro e Virgílio Borges Pereira, na obra *Intelectuais Europeus no Século XX: Exercícios de Objectivação Sócio-história*, por eles organizada.

1. O Cultura e Arte

Parte integrante do jornal diário *O Comércio do Porto*, o *Suplemento* literário *Cultura e Arte* é coordenado neste período pelo jornalista Costa Barreto, ele próprio um opositor ao Estado Novo. O corpo documental é constituído pelas edições dos cinco anos em análise neste trabalho, 1958 a 1962. Um total de 120 edições sendo a primeira de 14 de janeiro de 1958 (n.º 4 do ano VII) e a última de 25 de dezembro de 1962 (n.º 3 do ano XII).

O *Suplemento* tem uma periodicidade quinzenal, publicado regularmente às terças-feiras. Poucas foram as irregularidades encontradas em relação à sua periodicidade, sempre notificadas na edição que lhes precedia. O *Cultura e Arte* é constituído por duas páginas correspondentes às cinco e seis do jornal *O Comércio do Porto*. Os *Suplementos* possuem um número e um ano correspondente ao início da sua edição, uma numeração própria independente da do jornal no qual se incluía. Em termos de artigos, o *Suplemento* é constituído por textos não assinados, da redação, e por textos assinados pelos seus colaboradores, sendo que os do segundo tipo são predominantes. Assim, é possível perceber a participação de autores opositores através dos seus artigos assinados. Existem várias secções, bem como algumas edições

especiais, da autoria da redação e dos seus colaboradores. Por *Suplemento*, o número de artigos varia entre seis a doze.

Não se colocam questões quanto à fiabilidade da fonte, já que se tratam de textos propositadamente opinativos e de dimensão literária. Colocam-se constrangimentos pela sua sujeição à Censura, podendo ter existido textos não publicados por este motivo. Contudo, a fonte não permite apurar esta questão, já que a indicação da intervenção dos Serviços de Censura nas publicações era expressamente proibida.³

Uma grande quantidade dos números analisados deste *Suplemento* contém alguma secção. Dentro destas, existem algumas que se prolongam por toda a cronologia em análise e outras de curta duração, presentes apenas em parte do corpo documental. Não há qualquer tipo de periodicidade pré-estabelecida para estas secções. Destacam-se, durante todo o período, a “Ronda” de cariz noticioso e da responsabilidade da redação que colocava a par os acontecimentos culturalmente relevantes, bem como prémios recebidos por artistas e intelectuais nacionais, entre outras notícias diversificadas. A “Crítica do Livro”, escrita maioritariamente por Óscar Lopes, mas também por Mário Sacramento, possuía como objetivo a análise crítica de obras de produção nacional, e “Coisas Nossas”, com artigos redigidos por José Régio sob a forma de crónica de temáticas diversas especialmente focadas em questões culturais nacionais. Outras secções são possíveis de identificar como “Temas Oitocentistas” e a “Vivência do Tédio” de Joel Serrão, “Teatro & Teatro” de José Régio, “Bibliografia de Arte (Notas Críticas)” de Costa Barreto, “Para a Divulgação dos Nossos Escritores” da redação, “Cartas da Europa e do Brasil” e “Música”. Podemos perceber que uma grande parte dos responsáveis das secções do *Suplemento* eram intelectuais opositores ao regime salazarista: Óscar Lopes, José Régio, Mário Simões Dias, Costa Barreto, Joel Serrão... Este pode-se assumir como um mecanismo que permitiria manter a sua participação mais ativa e regular no *Suplemento*.

Existem algumas edições especiais dedicadas a um autor, movimento artístico ou literário específicos, sempre anunciadas no número anterior à sua publicação. Assim, é possível perceber se esta intenção é de facto concretizada ou não. São exemplos destas edições especiais os *Suplementos* dedicados a “Pousão”, a “Antropologia Cultural Portuguesa”, “Teatro Espanhol Contemporâneo” e a “Poesia ‘Post-Orpheu’”.

³ Jorge Ramos do Ó, “Censura”, Fernando Rosas *et al* (dirs.), *Dicionário de História do Estado Novo* (Venda Nova: Bertrand Editora, 1996), I, 140.

Para o dia 14 de fevereiro de 1960 estava anunciada a quarta série desta última edição especial (“Poesia ‘Post-Orpheu’”) dedicada aos poetas de S. Tomé, Angola e Moçambique que não veio a ser publicada. Verificou-se o seu adiamento para o dia 28 do mesmo mês, sendo esclarecida esta situação por “razões alheias à nossa vontade”.⁴ Ainda assim, no dia 28 a edição especial não ficou completa, ficando de fora a poesia angolana que só viria a ser lançada a 11 de abril. É importante lembrar que a Guerra Colonial tem início a 4 de fevereiro de 1961 em Angola, fator provavelmente influenciador desta reestruturação e irregularidade. Em 1959 já se tinha verificado uma situação semelhante. Na edição do dia 27 de janeiro é anunciado que o *Suplemento* de 10 de fevereiro seria dedicado a António Sérgio, opositor ao Estado Novo e elemento do MUD (Movimento de Unidade Democrática, órgão organizado da oposição ilegalizado por Salazar desde 1948), o que não acontece não sendo fornecida qualquer tipo de explicação para o sucedido. Podemos, à partida, tentar justificar estes dois casos pela ação da Censura, mas mais uma vez a fonte por si mesma não permite o conhecimento da verdadeira razão que leva ao seu cancelamento.

2. O Estado Novo e a Oposição

O período em análise é verdadeiramente inaugurado com a candidatura do General Humberto Delgado às eleições presidenciais de 1958, situação na qual é necessário ter em atenção todo o fervor popular da sua propaganda, bem como a fraude eleitoral levada a cabo pelo regime que fez com que o salazarismo vivesse “os momentos de maior perigo da sua longa história”.⁵

Após as eleições presidenciais de 1958, a contestação oposicionista ao governo foi uma constante até 1962, limite do período em análise. Assistiram-se a várias tentativas de organização de uma sublevação militar e o “surto de greves e de outras formas de agitação laboral [...] revelava um novo clima de contestação”.⁶ Com a campanha eleitoral de 1958, que abala pela primeira vez o regime salazarista, a Censura passa a ser muito mais rigorosa,⁷ bem como os restantes mecanismos de repressão.

⁴ *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*. Ano X, Suplemento n.º 6. Porto, 14 de fevereiro de 1961, 6. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 05(-3).

⁵ Raby, *A Resistência*, 215.

⁶ Raby, *A Resistência*, 226.

⁷ Cândido de Azevedo, *Mutiladas e Proibidas: Para Uma História* (Lisboa: Caminho, 1997), 43.

Neste período de cinco anos devem ainda ter-se em conta outras ações contra o regime como a conspiração da Sé a 11 de março de 1959, a criação das Juntas Patrióticas pelo PCP na primavera e a redação do “Programa para a Democratização da República” tornado público em 1961. Também em 1961, realiza-se o assalto ao navio português *Santa Maria* em janeiro, inicia-se a Guerra Colonial em fevereiro, o golpe Botelho Moniz entre março e abril, a revolta em Goa, a fuga de militantes comunistas da prisão de Caxias e a revolta de Beja em dezembro. O ano de 1962 é iminente marcado pela crise académica.⁸ No início da década de 1960 o movimento socialista dá sinais de unificação e renovação e em 1962 é criada a Resistência Republicana e Socialista. Os anos 60 trazem um maior conhecimento da situação internacional através da televisão e do turismo, bem como por uma certa prosperidade e oportunidade de negócio para as classes médias urbanas. Assim, surge “um sentimento de frustração provocado pela tomada de consciência do obscurantismo em que o país estava mergulhado”.⁹ O início da guerra colonial em fevereiro de 1961 acentuou a crise do regime e o seu isolamento internacional.¹⁰ Devido à intensa atividade da oposição no ano de 1961, Fernando Rosas intitula-o de “ano terrível”.¹¹ Contudo, a partir de 1962 dá-se uma “acalmia na oposição” que se manterá até 1968.¹²

Dentro do “microcosmos da oposição ao Estado Novo” encontra-se a atividade dos intelectuais. A corrente que mais exprime esta oposição na produção cultural, neste período, é o neorealismo de influência marxista, adotado como forma de divulgação dos ideais socialistas na literatura e na arte, e portanto associado ao PCP (Partido Comunista Português).¹³ Este movimento literário, também presente nas artes plásticas, vigorou em Portugal de finais dos anos de 1930 a início dos anos de 1960,¹⁴ tendo como missão a “tentativa de refletir, interpretar e, em menor medida, denunciar o sistema e consciencializar a massa social”.¹⁵ Difundiu-se em revistas jovens mas também através de algumas de maior renome como a *Presença*, *Portucale* e na coleção *Novo*

⁸ Franco Santos Alves da Silva, *O Jornal Portugal Livre Buscando uma Identidade, (1958-1961)* (Porto: [Edição do Autor], 2002), 4.

⁹ Raby, *A Resistência*, 244.

¹⁰ David Lander Raby, “Oposição”, António Barreto *et al* (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplemento)* (Porto: Livraria Figueirinhas, 1999), 642.

¹¹ Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar* (Lisboa: Tinta da China, 2013), 248.

¹² Raby, “Oposição”, 642.

¹³ João Madeira, *Os Engenheiros de Almas: o Partido Comunista e os Intelectuais* (Lisboa: Editorial Estampa, 1996), 381-383.

¹⁴ Carlos Reis, “Neo-realismo”, António Barreto *et al* (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplemento)* (Porto: Livraria Figueirinhas, 1999), 597-598.

¹⁵ Eduardo láñez, *A Literatura Contemporânea Depois de 1945* (Lisboa: Circulo de Leitores, 2003), IX, 287.

Cancioneiro.¹⁶ Nem todos os intelectuais neorrealistas se sentiam em conformidade com a militância comunista e a ligação ao PCP deixando espaço para uma discussão entre grupos oposicionistas. Contudo, uma coisa os unia, o “espírito de criação individual e da edição”.¹⁷ Nos anos de 1950 o neorrealismo entra num “período de reflexão” em virtude de uma nova mentalidade pós-Segunda Guerra Mundial.¹⁸ A corrente dissipa-se pela sua própria evolução e renovação dando origem na década seguinte a uma nova geração de escritores.

Durante o Estado Novo, contrários a estes intelectuais dissidentes, vai existir um grupo que encontra uma cumplicidade com o regime, tendo os seus trabalhos consagrados por se mostrarem simpatizantes com o salazarismo na sua produção cultural.¹⁹ Esta intervenção do Estado vai potenciar a emergência de mecanismos de reação e contestação por parte de outras correntes artísticas associadas aos opositores a este sistema.²⁰

Para além da censura realizada às publicações escritas nas suas diversas formas, este instrumento de repressão tem como consequência o aparecimento de uma autocensura dos próprios intelectuais, bem como o desenvolvimento de mecanismos próprios da falta de liberdade na produção literária, por exemplo através da construção de formas de referência a determinados assuntos e conceitos sem os mencionar explicitamente. Neste período, apesar deste cerco à produção literária se ter exacerbado, assiste-se a uma maior emancipação do “espaço literário”²¹ pois são várias as correntes estéticas e ideológicas que convivem num espaço cultural de “intercâmbio de ideias e formas de expressão” potenciado pelas revistas culturais e literárias. A participação em revistas literárias é uma forma de indagação e reação sobre as pressões ideológicas e de preservar o exercício do trabalho intelectual, individual e coletivo. A oposição intelectual, mais discreta, assume a necessidade de lutar contra a repressão e de impor a sua presença individual e de grupo,²² atitude coexistente com os movimentos mais visíveis da resistência neste período.

¹⁶ Iáñez, *A Literatura*, 287.

¹⁷ Madeira, *Os Engenheiros*, 384-387.

¹⁸ Iáñez, *A Literatura*, 287.

¹⁹ Bruno José Rodrigues Monteiro, *A Política em Todos os Seus Estados: Gênese e Estruturação da Mobilização Política* (Porto: [Edição do Autor], 2012), 132-134.

²⁰ Bruno Monteiro e Virgílio Borges Pereira, “Os intelectuais, o Poder e a Cidade”, Bruno Monteiro *et al* (orgs.), *Intelectuais Europeus no Século XX: Exercícios de Objectivação Sócio-histórica* (Porto: Edições Afrontamento, 2014), 221.

²¹ Monteiro e Pereira, “Os Intelectuais”, 228.

²² Clara Crabbé Rocha, “Os Novos Caminhos da Literatura”, António Reis (dir.), *Portugal Contemporâneo* (Lisboa: Publicações Alfa, 1990), V, 267.

3. Manifestações Opositoristas no *Cultura e Arte*

Como orientação para esta análise, considerei uma manifestação oposicionista uma expressão crítica desviante da corrente de pensamento imposta pelo Estado autoritário. Ou seja, expressões, não necessariamente textos e artigos completos, que focando um determinado tema invoquem aspetos contrários e/ou críticos à ação do Estado Novo.

3.1. Os Colaboradores Opositores

No seguinte quadro estão presentes os colaboradores possíveis de identificar como opositores ao regime salazarista.²³ A frequência de participação dos mesmos é, na maior parte dos casos, variada e descontínua. Para além da sua identificação, este quadro evidencia o peso da sua participação pelo registo do número de artigos escritos pelos mesmos para cada ano do período em estudo.²⁴

Quadro 1. Colaboradores Opositoristas e Seus Artigos (1958-1962)

Colaboradores	1958	1959	1960	1961	1962	Total
Adolfo Casais Monteiro	9	3	-	-	-	12
Alceu Amoroso Lima	-	1	-	-	-	1
Alexandre O'Neill	-	1	-	-	-	1
Alfredo Margarido	-	-	-	2	-	2
António José Saraiva	4	4	2	3	6	19
António Ramos Rosa	-	-	2	8	6	16
Antunes da Silva	1	-	-	-	-	1
Carlos Lobo de Oliveira	-	1	-	1	-	2
Carlos Porto	-	1	2	-	-	3
Costa Barreto	4	4	1	-	-	9
Eduardo Lourenço	2	1	6	2	7	18
Fernando Guimarães	-	2	10	8	6	26
Fernando Lopes Graça	-	4	4	4	-	12
Francine Benoit	-	1	-	-	-	1
Francisco Tenreiro	-	-	-	1	-	1
Gaspar Simões	1	-	1	-	-	2
Georges F. Listopad	1	9	8	6	4	28
J. Prado Coelho	-	-	-	1	3	4
João de Araújo Correia	-	-	1	-	-	1
João Sarmento Pimentel	1	-	-	-	-	1
Joel Serrão	6	7	5	6	3	27

²³ Alguns dos autores não foram possíveis de identificar e no caso de outros não foram encontradas quaisquer notas biográficas que os confirmassem como opositores ao regime.

²⁴ Os autores estrangeiros não foram identificados como opositores ou não, ficando fora deste estudo.

Jorge de Sena	5	1	-	7	2	15
José Carlos de Vasconcelos	-	1	-	-	-	1
José Fernandes Fafe	1	-	-	-	1	2
José Gomes Ferreira	1					1
José Régio	9	7	4	6	9	35
Manuel Ferreira	1	1	3	3	4	12
Manuel Villaverde Cabral	-	-	1	4	1	6
Mário Sacramento	5	3	5	-	-	13
Nuno Portas	1	-	-	-	-	1
Oliveira e Silva	-	-	1	-	-	1
Óscar Lopes	16	14	17	15	16	78
Rui Fejó	1	-	1	-	2	4
Salgado Júnior	1	-	-	-	-	1
Victor de Sá	-	5	4	7	3	19
Virgílio Ferreira	-	-	1	1	3	5
Total	70	71	79	85	76	381

Fonte: *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*. Porto, 1958-1962.

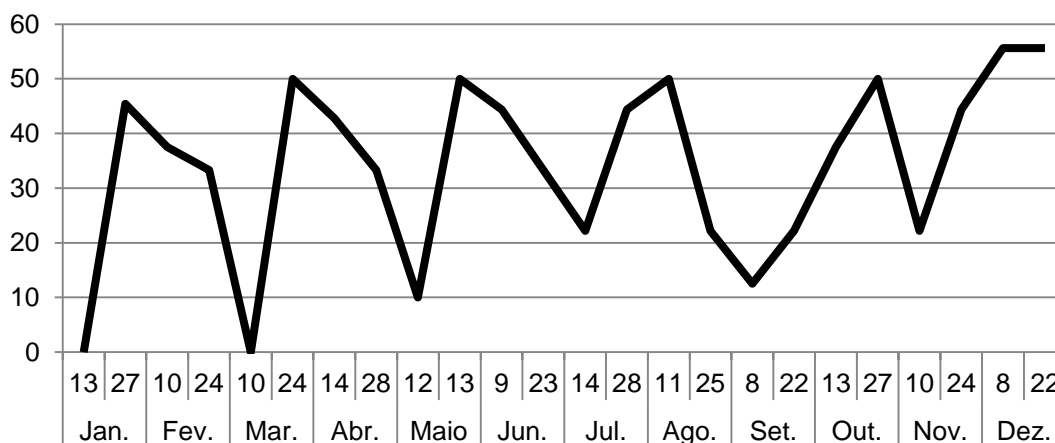
Através da análise do presente quadro é possível identificar como colaboradores mais frequentes Óscar Lopes, José Régio, Georges F. Listopad, Joel Serrão e Fernando Guimarães, todos com um número superior a vinte artigos escritos. O destaque vai em larga medida para Óscar Lopes, com 78 contribuições, já que este se encontrava a cargo da secção periódica “Crítica do Livro”, presente em grande parte dos *Suplementos* em análise. Em segundo lugar destaca-se José Régio, com 35 artigos, sendo que este era autor de várias secções periódicas. É possível destacar, também, que Óscar Lopes, José Régio, Joel Serrão, G. F. Listopad, Eduardo Lourenço e António José Saraiva mantêm contribuições contínuas nestes anos. Não existem alterações significativas no total de artigos da autoria de opositores no período, mas é possível perceber um crescimento até 1961 e uma queda no ano seguinte. É de assinalar também o ano de 1960 como o que mais variedade de colaboradores possui, sendo que esta diversificação não sofre grandes alterações ao longo destes anos.

Apesar de não contabilizada, a análise da fonte permitiu perceber a participação frequente de autores não identificados como opositores: Ilídio Sardoeira, Ernesto Veiga de Oliveira, Mário Simões Dias, Victor Matos e Sá, Elaine Sanceau, João Esteves Sasportes, Alves Costa, entre outros.

Por *Suplemento*, os artigos de autores opositores constituem, em média, 37% do total de artigos assinados, para o período em estudo. Contudo, este é um valor que esconde uma grande variabilidade por *Suplemento*, por mês e por ano. Em nenhum dos anos se encontra qualquer tipo de tendência constante de subida ou queda da

percentagem de intervenções de opositores em relação à totalidade de artigos por *Suplemento*. Observe-se o seguinte gráfico que analisa esta questão, a título de exemplo, para o ano de 1959:

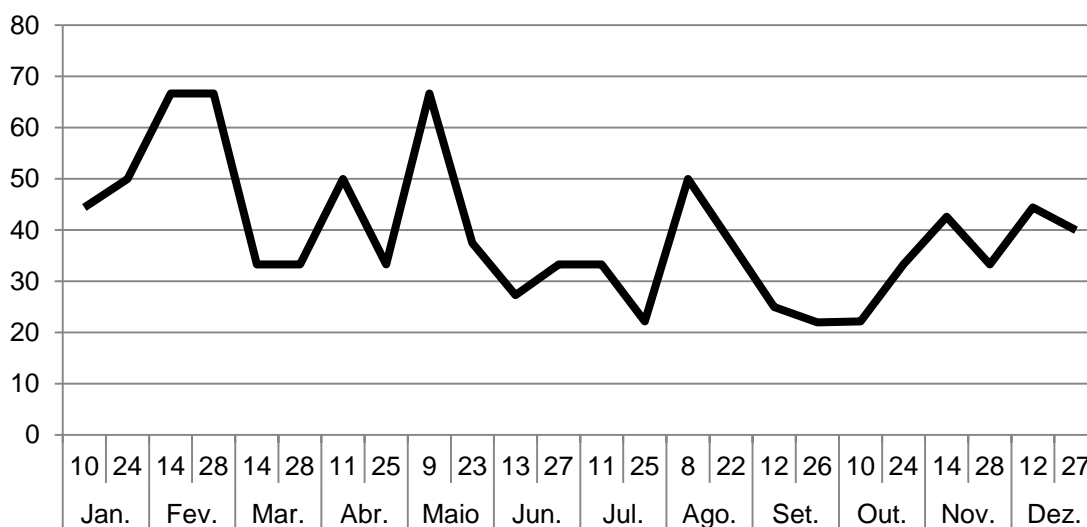
Gráfico 1. Artigos de Opositores em Relação à Totalidade de Artigos Assinados por Colaboradores por *Suplemento* (1959)



Fonte: *Cultura e Arte. O Comércio do Porto. Porto, 1958-1962.*

Pela análise do gráfico, podemos verificar que tanto existiram edições do *Suplemento* que não contaram com nenhuma publicação de um autor opositor, as edições de 13 de janeiro e de 10 de março, como existiram outras que ultrapassaram a metade do total de artigos por edição contando com 55% de textos escritos por autores opositores: as duas edições do mês de dezembro. Como é possível constatar não há qualquer tendência de aumento ou diminuição desta percentagem ao longo do ano, mostrando-se a linha do gráfico bastante irregular. Toda a cronologia possui esta irregularidade na percentagem de artigos escritos por opositores ao Estado Novo em relação à totalidade de artigos assinados por colaboradores nas várias edições do *Cultura e Arte*. No ano de 1961 esta percentagem atinge os valores mais elevados, sendo que nunca baixa dos 20% durante todo o ano e chega mesmo a atingir os 60% em três edições distintas, como podemos constatar no gráfico seguinte:

Gráfico 2. Artigos de Opositores em Relação à Totalidade de Artigos Assinados por Colaboradores por *Suplemento* (1961)



Fonte: *Cultura e Arte. O Comércio do Porto. Porto, 1958-1962.*

Contudo, é possível perceber uma preocupação em manter um certo equilíbrio entre artigos de colaboradores opositores e outros em cada *Suplemento*. Assim, tornar-se-ia potencialmente mais fácil passar o *Suplemento* pela censura sem levantar grandes questões como provavelmente aconteceria caso determinada publicação contasse apenas com textos de autores reconhecidos como opositores.

O conjunto de autores aqui apresentado é eclético e, portanto, os temas sob os quais eles se debruçam são também variados. A literatura é o tema principal destes autores e, de resto, de todo o *Suplemento*. Os textos sobre determinado autor também são abundantes, bem como estudos sobre certa obra. Existe uma grande quantidade de artigos de crítica literária, tanto de análise de obras, como de teoria da crítica. À parte dos temas literários existem problemáticas relacionadas com a cultura, o teatro, a música, as artes plásticas, o cinema, a história, a filosofia e mesmo outras questões como a televisão.

O seguinte quadro apresenta os colaboradores opositores aos quais se puderam atribuir manifestações oposicionistas e a sua quantificação por ano e no total.

Quadro 2. Colaboradores e Suas Manifestações Opositoristas

Colaboradores	1958	1959	1960	1961	1962	Total
Adolfo Casais Monteiro	3	1	-	-	-	4
Alexandre O'Neill	-	1	-	-	-	1
António José Saraiva	-	1	-	3	-	4
António Ramos Rosa	-	-	-	4	-	4
Carlos Porto	-	-	2	-	-	2
Costa Barreto	3	2	-	-	-	5
Eduardo Lourenço	2	-	4	2	3	11
Fernando Guimarães	-	-	1	-	3	4
Fernando Lopes Graça	-	1	1	-	-	2
Francine Benoit	-	1	-	-	-	1
Francisco Tenreiro	-	-	-	1	-	1
Gaspar Simões	-	-	1	-	-	1
J. Prado Coelho	-	-	-	-	2	2
João de Araújo Correia	-	-	1	-	-	1
Joel Serrão	3	-	2	-	-	5
Jorge de Sena	1	1	-	1	-	3
José Gomes Ferreira	1	-	-	-	-	1
José Régio	1	3	3	3	1	11
Manuel Ferreira	1	-	2	1	1	5
Mário Sacramento	1	1	4	-	-	6
Nuno Portas	1	-	-	-	-	1
Óscar Lopes	13	12	8	15	12	60
Rui Fejó	1	-	-	-	2	3
Victor de Sá	-	5	2	5	3	15
Virgílio Ferreira	-	-	-	1	-	1
Total	31	29	31	36	27	154

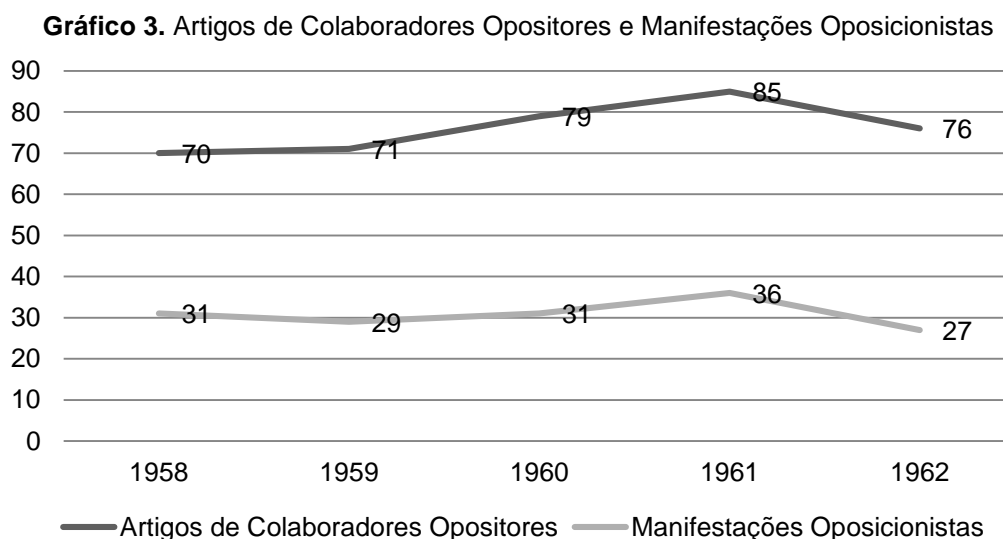
Fonte: *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*. Porto, 1958-1962.

Pela comparação do Quadro 4.2 com o Quadro 4.1, é possível perceber que nem todos os colaboradores opositores se opunham manifestamente nos textos que escreviam e que nem todos os artigos revelam algum tipo de crítica contra o Estado Novo.

O número de colaboradores identificados como opositores é de 36, enquanto o número de autores aos quais são atribuídas manifestações oposicionistas nos seus artigos é de 25. Assim, o número de manifestações oposicionistas, 154, é também inferior em relação ao número total de artigos escritos por estes autores, 376. Além disto, os autores opositores que mais artigos possuem — Óscar Lopes, José Régio, Georges F. Listopad, Joel Serrão e Fernando Guimarães — não correspondem totalmente aos que mais se manifestavam, sendo estes: Óscar Lopes, Victor de Sá, Eduardo Lourenço e José Régio, todos com mais de 10 manifestações registadas.

Elucidativa desta questão é a comparação entre os escritores G. F. Listopad e Víctor de Sá. Em relação ao primeiro contam-se 28 contribuições, mas nenhuma possui qualquer manifestação oposicionista. Por contraste, das 19 contribuições do segundo, 15 possuem uma vertente crítica. Assim, a mais forte oposição neste *Suplemento*, para esta cronologia, provém dos quatro colaboradores acima mencionados.

O seguinte gráfico apresenta-nos o número de artigos escritos por colaboradores opositores em comparação ao número inferior de manifestações oposicionistas por ano e permite perceber que tanto o número de artigos como o número de manifestações não é muito variável e descrevem uma linha semelhante. O “ano terrível”, 1961, é aquele que regista um crescimento mais acentuado da intervenção oposicionista (36 manifestações identificadas) no *Suplemento*, correspondendo, assim, ao ano que registou, também, uma maior percentagem de introdução de textos de autores opositores em relação aos demais, por *Suplemento*.



Fonte: *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*. Porto, 1958-1962.

3.2. Manifestações Oposicionistas

O Quadro 3 divide as manifestações oposicionistas identificadas por temas, cabendo uma quantidade considerável das mesmas, em mais que uma categoria. A maior parte das manifestações é versada à cultura e dentro deste tema tem grande destaque a referência a autores e correntes da oposição. As manifestações de carácter político têm uma posição secundária nas preocupações destes autores, em primeiro lugar porque encaram a cultura, e a resolução dos seus problemas, como solução para

os problemas políticos, em segundo lugar, de certo, por se tratarem de temas evidentemente mais polémicos despertando maior atenção por parte da Censura.

Quadro 3. Manifestações Opositoristas por Categorias

	1958	1959	1960	1961	1962	Total
1. CULTURA	45	25	33	30	24	157
a. Estado da Cultura	6	2	4	1	-	13
b. Desinteresse Cultural	2	-	-	-	2	4
c. Desinvestimento Educativo	2	-	1	-	-	3
d. Limitações à Produção Cultural	5	4	2	3	1	15
i. Limitações	5	2	-	2	1	10
ii. Censura	-	2	1	1	-	4
iii. Autocensura	-	-	1	-	-	1
e. Marasmo Literário e Artístico	11	7	4	8	3	33
i. Marasmo	1	2	-	-	-	3
ii. Desvalorização dos Verdadeiros Artistas Portugueses	3	3	2	3	3	14
iii. Valorização de Artistas Medíocres	4	-	1	4	-	9
iv. Provincianismo	3	2	1	1	-	7
f. Correntes e Autores da Oposição	19	12	22	18	18	89
i. Referência a Autores Opositores	12	11	13	16	14	66
ii. Neorrealismo	5	1	5	2	4	17
iii. <i>Presença</i>	2	-	4	-	-	6
2. ESTADO	14	12	11	17	4	58
a. Autoritarismo e Opressão	7	5	3	3	1	19
b. Incentivo à Liberdade	2	3	3	5	-	13
c. Apatia e Necessidade de Ação	2	2	2	8	2	16
d. Frustração e Esperança	1	1	2	-	-	4
e. Alternativas Políticas	2	1	1	1	1	6
3. PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS	2	-	2	3	2	7

Fonte: *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*. Porto, 1958-1962.

Falar em estado da cultura é referir as manifestações sobre a ambiência cultural em Portugal e seus problemas. Um deles o de “elevação dos povos a um nível cultural adequado às circunstâncias”, já que a “esmagadora maioria da população portuguesa”²⁵ não tem acesso à cultura. Portugal tornou-se um país culturalmente atrasado em relação ao resto da Europa e estes autores afirmam que “os governos não estão a olhar com todo o cuidado para os problemas da cultura”.²⁶ A ausência de prémios a atribuir aos artistas também é um problema apontado. Isto significa uma constatação de um

²⁵ Victor de Sá, “As Bibliotecas Móveis e os Escritores”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 13. Porto, 26 de maio de 1959, 5.

²⁶ Victor de Sá, “Cultura e Orçamento”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 5. Porto, 27 de janeiro de 1959, 5.

desinteresse na cultura por parte do Estado e um atraso causado pela não educação da população e pelas limitações a que a produção cultural se encontrava sujeita.

Quanto à insuficiência do sistema educativo português são lançadas questões “à carência de espírito de investigação no ensino universitário, às próprias condições materiais do ensino, ao praticismo imediato e míope de muitos dos nossos inovadores técnicos, às consequências históricas já seculares do 'espírito inquisitorial’”.²⁷ E no ensino artístico, Fernando Lopes Graça elucida-nos quanto à integração da arte da música e sua respetiva teoria nas Universidades, afirmando que “sabemos bem a que estamos reduzidos [...] Quanto ao [...] nosso único Conservatório oficial nem falar nisso é bem, para não termos de nos sumir pelo chão dentro”.²⁸ Os elevados índices de iliteracia foram um constrangimento para a produção e consumo cultural em Portugal, principalmente na primeira metade do século XX.²⁹

Num Portugal autoritário é indiscutível que a atividade cultural estivesse condicionada e que limitações se lhe impusessem pela Censura, mesmo autocensura, e própria mentalidade. Algumas passagens são exemplo disto: “condicionalismo comum que situa a cultura portuguesa contemporânea”;³⁰ “os métodos policiais são tão prejudiciais à literatura como à vida social”;³¹ “diríamos que, por via de todas as restrições da censura, não lhes restaria senão a alternativa de fazer literatura alambicada”;³² “numa época em que as inibições e auto inibições se tornaram a um tempo tão prementes e conscientes”.³³ Existe um artigo da autoria de José Régio, uma crítica crucial à Censura, que com alguma ironia intitula os censores de “críticos literários”:

Que hoje são tidos por críticos literários homens cujos interesses fundamentais são antes outros; cujo melhores serviços são antes prestados a outras formas de atividade, a cujo serviço submetem a própria literatura que dizem eles servir [...] Mas a que extremos de falsidade, injustiça, hipocrisia, superficialidade, não-senso, chegará o que se chama

²⁷ Óscar Lopes, “A Crítica do Livro”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 13. Porto, 27 de maio de 1959, 6.

²⁸ Fernando Lopes Graça, “Notícia sobre os Seminário Livres de Música da Universidade da Bahia”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 4. Porto, 12 de janeiro de 1960, 6.

²⁹ Monteiro e Pereira, “Os Intelectuais”, 218-219.

³⁰ Portas, Nuno, “O Cinema em Portugal: O Pensamento Cinematográfico”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 19. Porto, 26 de agosto de 1958, 5.

³¹ Adolfo Casais Monteiro, “Equívocos Luso-brasileiros”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 7. Porto, 25 de fevereiro de 1958, 5.

³² Adolfo Casais Monteiro, “A Difícil Autenticidade”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 9. Porto, 24 de março de 1959, 5.

³³ Óscar Lopes, “A Crítica do Livro”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 7. Porto, 23 de fevereiro de 1960, 6.

cultura, se todos se encolhem, e assim colaboram na confusão crescente, assim se tornam cúmplices dos inconscientes (ou demasiado conscientes) produtores de confusões?³⁴

A literatura portuguesa encontra-se, segundo autores como Adolfo Casais Monteiro num “marasmo”. As revistas literárias de vanguarda têm “a sorte habitual [...] de morrer cedo”.³⁵ Adolfo Casais Monteiro diz-nos expressamente que a literatura portuguesa “sofre de provincianismo”³⁶ e encontramos várias críticas a este regionalismo que deve ser substituído por algo de mais genuíno. Isto trata-se de um problema de mentalidade, de “assimilação pronta” e “imitação snob, inautêntica, de todas as modas - os psitacistas do *dernier cri*”.³⁷ Carlos Porto afirma que este espírito provinciano perdurará na mentalidade portuguesa, já que “nascemos provincianos, provincianos com esse inevitável complexo de inferioridade que nos tolhe desde que as Índias se foram com essa nostalgia do que não temos... provincianos havemos de continuar, teimosa e orgulhosamente.”³⁸

É geral e visível em críticas de autores como José Régio e Costa Barreto um sentimento de desvalorização daquilo que consideram os verdadeiros artistas portugueses. Acontece em comparação a um apreço maior por aquilo que é produção cultural estrangeira, em considerar que em Portugal os grandes nomes só são reconhecidos depois da sua morte e em comparação a um panorama de valorização de artistas considerados medíocres: “sistemáticos depreciadores do quer que seja português”;³⁹ “os grandes pintores portugueses do nosso tempo, os quais andam tão esquecidos ou menosprezados [...] É tão raro falar entre nós dos artistas vivos”⁴⁰. Destes artistas considerados vulgares por estes autores fazem parte aqueles que se deixam simpatizar com o Estado Novo tendo assim as suas obras consagradas, entendido a partir do seguinte excerto de José Régio, novamente carregado com uma certa ironia e indignação:

³⁴ José Régio, “Coisas Nossas: a ‘Especialidade’ Literária”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, n.º 6, Suplemento n.º 6.

³⁵ Adolfo Casais Monteiro, “Para a História da Presença”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII Suplemento n.º 4. Porto, 14 de janeiro de 1958, 5.

³⁶ Monteiro, “A Difícil”, 5.

³⁷ Jacinto do Prado Coelho, “Sobre a Influência Francesa nas Letras Nacionais”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano XI, Suplemento n.º 14.

³⁸ Carlos Porto, “Pequena Viagem Teatral I”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 4. Porto, 12 de janeiro de 1960, 5.

³⁹ José Régio, “Duas Peças”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 15. Porto, 23 de junho de 1959, 5.

⁴⁰ Costa Barreto, “Bibliografia de Arte: Notas Críticas”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 10. Porto, 8 de abril de 1958, 6.

[...] o reclamo empreendido, sustentado, desenvolvido em torno de nome e obras de valor literário medíocre. Ou a conjuração do silêncio, a hipocrisia das reservas de depreciação ou deformação em volta doutros cujo valor sobressai. Ora o que significa isto? Que os primeiros convêm, e os segundos não, a intenções e planos que podem, até, ser muito respeitáveis, mas nada têm a ver com os valores da arte literária.⁴¹

Procura-se realizar a apologia a obras e autores opositores, bem como às novas correntes literárias através da secção “Crítica do Livro”, mas também na secção “Para a Divulgação dos Nossos Escritores” e em outros artigos. Em dezenas de artigos escritos por colaboradores da oposição se faz a referência a, ou se escreve mesmo sobre, outros autores opositores, mencionando, por exemplo o nome e obra de Alves Redol, Fernando Namora, Miguel Torga, Virgílio Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, entre outros. Esta referência, mais discreta que outro tipo de intervenções, é o meio mais utilizado como manifestação oposicionista.

Vimos já que a corrente estilística que mais adesão obteve por parte dos artistas opositores ao regime salazarista foi o neorrealismo. Vários dos colaboradores oposicionistas deste *Suplemento* literário enquadram-se nesta corrente, como o caso de Óscar Lopes, Virgílio Ferreira e Mário Sacramento. Segundo Óscar Lopes, “para que o neorrealismo seja de facto neo- tem, portanto, que estar empenhado no delineamento de novos tipos humanos sociais”.⁴² A corrente ganha um sentido de missão de construção de uma sociedade diferente da atual, a do Estado Novo. Mas, numa cronologia já afastada da sua formação e apogeu, é natural que o neorrealismo se encontrasse sob alvo de algumas críticas, pelo que, o mesmo autor afirma que “há quem aponte como atualmente necessária ao neorrealismo uma atenção maior ao ‘mundo interno’”,⁴³ como se este sentido de missão se estivesse a dissipar ou mesmo a perder.

Na mesma medida encontramos alguns artigos sobre a revista *Presença*. A geração presenciista manifestou-se em revista de finais dos anos 1920 e durante a década de 1930⁴⁴ e alguns dos colaboradores deste *Suplemento* pertencem a este grupo como o caso de José Régio, Adolfo Casais Monteiro ou João Gaspar Simões. É mencionada tanto a revista, com artigos dedicados à própria, bem como autores da geração presenciista. Casais Monteiro escreve sobre a *Presença* e a sua missão:

⁴¹ Régio, “Coisas”, 6.

⁴² Óscar Lopes, “A Crítica do Livro”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 20. Porto, 12 de setembro de 1961, 6.

⁴³ Óscar Lopes, “A Crítica do Livro”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano XI, Suplemento n.º 13. Porto, 22 de maio de 1962, 6.

⁴⁴ Rui Ramos, “Presença”, António Barreto *et al* (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplemento)* (Porto: Livraria Figueirinhas, 1999), 145.

[...] chamando a si, progressivamente, todos quantos se achavam maduros para a renovação exigida pelo marasmo em que a literatura se encontrava [...] iniciava um programa de revisão impregnado de intenções críticas inteiramente novas.⁴⁵

Num campo mais relacionado à política, constata-se muitas vezes e de diversas formas o autoritarismo e opressão do Estado Novo. São elucidativos os seguintes exemplos: de Casais Monteiro, a “tristeza da vida que o Estado Novo dera ao país”⁴⁶ e de Vergílio Ferreira:

Dir-se-ia que, apesar de tudo, realizar uma obra de arte com determinada 'orientação' ou 'visão' é um erro ou uma injustiça, sei lá mesmo se um 'crime'. Quanta coisa a dizer aí... Recordemos apenas este desafio de Sartre a que suponho, ninguém poderá responder: 'que me citem um só bom romance cujo propósito tenha sido servir a opressão'. Isto porque 'a obra de arte, por qualquer lado que se tome, é um ato de confiança na liberdade dos homens'.⁴⁷

Além destes, Eduardo Lourenço, abordando os filmes *Mein Kampf* e *Tempo do Gueto*, tece uma crítica severa e direta ao estado autoritário e ao nacionalismo exacerbado:

Como se reduz um povo cultivado, dinâmico, a uma máquina uivante ou silenciosa, noite e dia submetida ao 'tam-tam' tribal de uma só opinião, de uma só e contínua propaganda a serviço do que em todos os povos há de mais imediato e mais baixo: o culto do seu furor nacionalista.⁴⁸

Em oposição encontram-se algumas manifestações de apologia à liberdade de consciência, criativa, de pensamento e crítica. Afirma-se que não se pode sair do marasmo já referido sem que exista liberdade e que esta é mesmo “recusada institucionalmente”. Há uma “recusa em encarar institucionalmente a liberdade e o fomento da cultura como condição do próprio progresso humano”,⁴⁹ a “liberdade [crítica] [é] odiada e perseguida pelo que pode contrariar, ou simplesmente recusar servir, interesses de diversa ordem”.⁵⁰ Referem-se movimentos que contribuem para tentativas

⁴⁵ Monteiro, “Para”, 5.

⁴⁶ Adolfo Casais Monteiro, “O Poeta Afonso Duarte”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 12. Porto, 13 de maio de 1958, 6.

⁴⁷ Ferreira, Virgílio, “Do que Uma Obra de Arte Não Diz”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 7. Porto, 28 de fevereiro de 1961, 5.

⁴⁸ Lourenço, Eduardo, “De *Mein Kampf* ao *Tempo do Gueto*”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano XI, Suplemento n.º 4. Porto, 9 de janeiro de 1962, 5.

⁴⁹ Portas, Nuno, “O Cinema em Portugal: O Pensamento Cinematográfico”, 5.

⁵⁰ Régio, José, “Coisas Nossas: Dignificação da Crítica”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 5. Porto, 27 de janeiro de 1959, 5.

de imposição da liberdade como o caso da publicação *Cadernos de Poesia*, que “irradiam parcelas de uma nova inspiração, quer no ponto de vista das imagens, quer no dos temas e da liberdade de expressão”.⁵¹ A seguinte intervenção de José Régio, um desentendimento pessoal com Flausino Torres, apesar de dirigida a um autor também opositor, parece transportar-nos para uma crítica à opressão, falta de liberdade e censura:

O quê?! sempre, até hoje, se me tem afigurado que proibir ao homem pensar sobre o que quer que seja [...] seria, precisamente, sujeitar o homem à mais grave das mutilações, à mais vexatória das castrações, à menos suportável das alienações. [...] Como se poderia procurar soluções para os chamados problemas de hoje não se pensando senão sobre eles, - isto é: tendo impedido o homem de exercer aquela livre faculdade de pensamento sobre o que quer que seja? [...] Então a cultura pode ser uma realidade - algo de vivo, ativo, desalienador - se não houver liberdade até para o erro, até para o sonho, até para o ensaio, até para o simples tatear e procurar [...] até para Flausino Torres dizer o que quiser e eu também?⁵²

Face a este estado opressivo e autoritário, condena-se uma atitude de passividade, um estado de “paralisia espiritual”.⁵³ Neste excerto, Victor de Sá culpa a juventude:

Porque muitos só biologicamente são jovens, é que vemos grandes esperanças aos 21 anos atrofiarem-se e sucumbir socialmente quando se integram no quadro social das profissões e dos matrimónios, fazendo subsistir, no mastro da existência, o pendão da ambição e do egoísmo pelo galhardete da liberdade e solidariedade.⁵⁴

Em contraponto à constatação desta apatia, verifica-se uma recusa em aceitá-la. Encontramos várias expressões que nos propõem a tomada de uma atitude perante a “vida, que é luta e transformação incessantes”⁵⁵ necessária “neste momento em que se torna urgente em Portugal a construção do futuro”.⁵⁶ Como resumo de todo este

⁵¹ Simões, João Gaspar, “Alguns Caminhos”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 24. Porto, 8 de novembro de 1960, 5.

⁵² Régio, José, “Coisas Nossas: Nota a uma Nota sobre um livro de José Marinho”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 21. Porto, 26 de setembro de 1961, 5-6.

⁵³ Rosa, António Ramos, “A Poesia como Acto de Afirmação”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 16. Porto, 11 de julho de 1961, 6.

⁵⁴ Sá, Victor de, “Introdução a Custódio José Vieira”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 14. Porto, 13 de junho de 1961, 6.

⁵⁵ Sacramento, Mário, “Alves Redol e o Romance do Romance”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 2. Porto, 9 de dezembro de 1958, 5.

⁵⁶ Saraiva, António José, “As traduções e a pedagogia da literatura nacional”. *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 5. Porto, 24 de janeiro de 1961, 5.

estado de apatia e necessidade de agir contra o autoritarismo e a opressão, é bastante elucidativa a passagem de Joel Serrão:

Qualquer mente reflexiva deste nosso agora, que busque situar-se com a objetividade possível no nosso tempo histórico deparará com um dragão de cem cabeças que parece disposto a devorar-nos a todos, se não nos defendermos. É o tedium vitae, o enfadamento com as coisas e, principalmente, conosco mesmos, o “não vale a pena”, o “a quoi bon?” de quem acha impossível não deixar arrastar-se por essas águas barrentas que pelo menos a partir do romantismo, não deixaram de correr, e de engrossar mais e mais. [...] É tempo. Metamos mãos à obra [...] E aí... Um passado que definitivamente morreu; um presente que mal lucila logo se extingue; e um futuro que, entrevê-lo, é prepará-lo... Ontem, o tédio; hoje, a náusea; e no futuro, o quê? [...] Seja qual for, só pela libertação do presente e do passado, ele virá a ser o que puder ser.⁵⁷

Este excerto transporta-nos também para a questão da frustração que alguns destes homens sentem em relação ao meio que os rodeia e no facto de não conseguirem fazer a sua arte de forma autêntica devido aos condicionalismos que se lhes impõem. Tal como escreve Eduardo Lourenço, “O que dorme aí [...] continua a ser o sonho do homem [...] Este sonho afunda-se em puro sono e o homem é expulso da sua criação”,⁵⁸ ou então Mário Sacramento que constata a existência de um “complexo de frustração” em que “a impossibilidade estrita duma poesia convivente, pela qual a sátira, o drama [...] se dirigissem a um corpo social atuante, vivo, fluente”.⁵⁹ Não conseguimos com precisão detetar um sentimento de esperança nestes autores, mas Victor de Sá leva-nos a acreditar que esta possa existir num artigo acerca do mito sebastianista: “Em cada crise da nacionalidade se tem revigorado esta crença [...] a esperança, por um lado, na vinda de um rei predestinado, e por outro, na realização dos anseios que inquietam a consciência coletiva”.⁶⁰ Apesar do mito sebastianista ser utilizado pelo Estado Novo como forma de manifestação patriótica, vemos aqui a possibilidade de ser encarado por um opositor como símbolo de esperança na mudança. E, tal como acusa Victor de Sá, se o mito perdura é sinal de que a nacionalidade está em “crise”.

⁵⁷ Joel Serrão, “O Tédio: Introdução Singela a um Problema Complexo”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 10. Porto, 12 de abril de 1960, 5.

⁵⁸ Eduardo Lourenço, “Arte Abstracta: Apocalipse ou Anunciação”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 20. Porto, 9 de setembro de 1958, 5.

⁵⁹ Mário Sacramento, “A Crítica do Livro”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 8. Porto, 8 de março de 1960, 6.

⁶⁰ Victor de Sá, “O Sebastianismo ou o Messianismo”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 22. Porto, 13 de outubro de 1959, 5-6.

Uma outra forma de manifestação oposicionista é a referência, e por vezes um louvor, a alternativas políticas como a democracia, a república, o socialismo ou o anarquismo. Citando Antero de Quental, Joel Serrão exorta a democracia e a república dizendo que a revolução “domina [...] a humanidade contemporânea [...] no mundo dos factos sociais, o seu nome é democracia e república [...] É mais do que uma palavra; é um credo: mais do que uma bandeira; é um lábaro”.⁶¹ Quanto à questão do socialismo/comunismo, encontram-se três expressões: “luta de classes”⁶² no teatro de Roblès; “socialistas utópicos”⁶³ numa referência a Amorim Viana e “engenheiros de almas”⁶⁴ sobre a literatura de Jorge de Sena. Esta última expressão foi introduzida por Estaline para descrever a função dos escritores e adotada pelos intelectuais comunistas numa maior base de entendimento.⁶⁵

Joel Serrão aborda também a questão do “ideal anarquista”⁶⁶ num artigo dedicado a Sampaio Bruno e deixa ao leitor a questão:

Pode haver - pergunta - algum (dever) mais belo ou sequer tão belo como esse triunfo da emancipação do espírito, da liberdade de consciência? A resposta dele sabemos já qual seja. A nossa, a dos leitores deste meado do século XX, qual será? Qual deverá ser?⁶⁷

Por último, resta abordar a temática das províncias ultramarinas, que se inclui tanto num campo cultural como político. Manuel Ferreira e Fernando Guimarães são quem se debruça sobre estas questões. Numa perspetiva cultural visualiza-se uma supressão das limitações de produção literária nas colónias, dando-se destaque a alguns autores e dedicando *Suplementos* à poesia das províncias ultramarinas. Quando Manuel Ferreira nos diz, acerca da “nova geração de poetas cabo-verdianos”, que “grande parte da sua poesia irrompe dum protesto violento, temperado com uma confiança adulta nos destinos do seu grupo étnico”⁶⁸ e que África está a despertar “não

⁶¹ Joel Serrão, “Temas Oitocentistas: A Aspiração Republicana”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 10. Porto, 8 de abril de 1958, 5.

⁶² Mário Sacramento, “O Teatro de Emmanuel Roblès”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 6. Porto, 10 de fevereiro de 1959, 5.

⁶³ Victor de Sá, “Perspectiva Sociológica para a Compreensão de Amorim Viana”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 12. Porto, 10 de maio de 1960, 5.

⁶⁴ Óscar Lopes, “A Crítica do Livro”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 10. Porto, 11 de abril de 1961, 6.

⁶⁵ Madeira, *Os Engenheiros*, 13, 387.

⁶⁶ Joel Serrão, “Da Heterodoxia de Sampaio Bruno”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VII, Suplemento n.º 17. Porto, 22 de julho de 1958, 5.

⁶⁷ Serrão, “Da Heterodoxia”, 5.

⁶⁸ Manuel Ferreira, “As Ilhas Crioulas na sua Poesia Moderna”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 24. Porto, 8 de novembro de 1960, 5.

a pouco e pouco, mas por assim dizer subitamente, de um longo e profundo sono milenar”⁶⁹ mostra que um caminho de afirmação das províncias está a ser traçado. Numa perspetiva mais política, existe uma constatação do estado de miséria das colónias, como nesta citação de Manuel Ferreira sobre Cabo-Verde “economicamente estagnado (ou até miserável quando não chove)”.⁷⁰ Outra questão levantada por Fernando Guimarães e também Eduardo Lourenço é a contestação das teses de Gilberto Freyre. Salazar, desde inícios da década de 1950 socorreu-se das teses lusotropicalistas deste sociólogo para legitimar a ocupação das províncias depois da Segunda Guerra Mundial, quando os poderes coloniais começaram a desaparecer.⁷¹ Eduardo Lourenço escreve:

Em particular, o sociologismo polémico e apologético de G. Freyre, esconde sob a cordialidade luxuriante de um 'universalismo tropical', intenções nada inocentes. As suas sínteses abusivas, os seus 'slogans' primários são o emblema de cruzadas duvidosas. Este resultado histórico da sua apologética não pode nem deve ser silenciado. Não é um acaso, nem um abuso de interpretação, mas o seu comentário, por assim dizer, autorizado.⁷²

Conclusão

Estabelecendo um panorama geral da crítica dos autores opositores neste *Suplemento*, objetivo central deste trabalho, podemos dizer que estes manifestam o seu desagrado com um ambiente de decadência e marasmo cultural, de desinvestimento na educação, de desvalorização dos verdadeiros escritores contra uma valorização de artistas medíocres. Criticam o provincianismo desta literatura, fazendo a apologia do neorrealismo que consideram mais autêntico. Muitos destes colaboradores enquadram-se nesta corrente e continuamente se faz a apologia a outros intelectuais opositores. Revelam as limitações à produção cultural, referindo a censura e mesmo a autocensura. Sentem que se vive em Portugal um estado de apatia em relação ao autoritarismo, à opressão e às fragilidades culturais. Revelam, contudo, a necessidade de intervenção, de ação, dando grande importância à liberdade (de consciência, de pensamento, de

⁶⁹ Manuel Ferreira, “Apontamento Africano”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano IX, Suplemento n.º 17. Porto, 26 de julho de 1960, 6.

⁷⁰ Óscar Lopes, “A Crítica do Livro”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano VIII, Suplemento n.º 1. Porto, 25 de novembro de 1958, 6.

⁷¹ João Medina, “Gilberto Freyre Contestado: o Lusotropicalismo Criticado nas Colónias Portuguesas Como Alibi Colonial do Salazarismo”, *Revista USP*, 45 (2000): 49-50.

⁷² Eduardo Lourenço, “A Propósito de Freyre (Gilberto)”, *Cultura e Arte. O Comércio do Porto*, Ano X, Suplemento n.º 16. Porto, 11 de julho de 1961, 5.

produção cultural...) e com alguns trechos que revelam que um novo futuro pode e deve ser construído. Por fim, estão atentos ao “despertar” das províncias ultramarinas, para as quais se deve olhar com maior atenção.

Este tipo de oposição, mais discreta que uma resistência frontal, não deixa de ter a sua importância como um ripostar ao controlo ideológico levado a cabo pelo Salazarismo. É importante funcionando como um “abrir de olhos”, um despertar de consciências, para os problemas existentes em Portugal dos quais não culpam apenas a ditadura, mas também a mentalidade dos portugueses. Estas manifestações assumem-se também como importantes na medida em que, ao serem lidas por outros opositores poderiam potenciar uma maior intervenção oposicionista dos mesmos.

Devido à grande quantidade de *Suplementos* e elevado número de artigos em estudo a sua análise não pode ser tão aprofundada como pretendido. Em muitos artigos podem existir algumas expressões de significado oculto que possam revelar alguma manifestação oposicionista, porém o período de investigação não foi suficiente para uma análise sistemática de todos os aspetos de cada artigo. Não o foi também para a análise dos textos de redação, nem para a identificação dos colaboradores estrangeiros. Uma análise mais aprofundada pode revelar novas críticas e novas formas de manifestação. Além disto, este trabalho poderá ainda ser completado com uma tentativa de estudo da importância que teve na receção do público leitor na influência da opinião pública quanto às questões e temáticas abordadas nestes textos.

Para além da identificação com o “ano terrível”, em termos quantitativos, não foi conseguida a correspondência destas intervenções com o contexto social, político e cultural da cronologia em foco. Não tendo sido cumprida esta problemática de investigação.

Este trabalho contribui para um melhor entendimento da oposição intelectual através de revistas literárias, ou *Suplementos*, permitindo perceber o peso deste tipo de intervenções e as temáticas criticadas. Assim, abre portas para um estudo mais generalizado sobre a oposição intelectual nas publicações periódicas. Novos estudos e problemáticas poderão partir deste trabalho. Uma investigação mais aprofundada deste mesmo objeto de estudo, completada com as mesmas questões aplicadas a outras fontes da mesma tipologia, poderá revelar um panorama mais generalizado e ao mesmo tempo mais completo para responder às questões de investigação deste trabalho.

Fontes

Impressas

Cultura e Arte. O Comércio do Porto. Porto, 1958-1962.

Bibliografia

Azevedo, Cândido de. *Mutiladas e Proibidas: Para uma História da Censura Literária em Portugal nos Tempos do Estado Novo*. Lisboa: Caminho, 1997.

Baptista, Jacinto. *Caminhos para uma Revolução: Sobre o Fascismo em Portugal e a Sua Queda*. Lisboa: Bertrand, 1975.

Ferreira, Ana Sofia. "A Campanha de Delgado no Porto: a Importância da História Local". Bruno Monteiro (org.), *Contributos para a História Social do Porto: Sociedade, Política e Cultura no Estado Novo*. Porto: Deriva, 2011. 123-157.

láñez, Eduardo. "A Literatura Contemporânea Depois de 1945." Eduardo láñez (ed.), *História da Literatura Universal*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2003. Volume IX.

Madeira, João. *Os Engenheiros de Almas: o Partido Comunista e os Intelectuais (dos Anos Trinta a Inícios de Sessenta)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

Magone, José M. "Breaking with the Authoritarian Past in Portugal: Continuities and Discontinuities of International Linkages and Their Impact on the Political System". *Portuguese Journal of Social Sciences*, Volume 3, Issue 3 (2004): 157-174.

Medina, João. "Gilberto Freyre Contestado: o Lusotropicalismo Criticado nas Colónias Portuguesas como Alibi Colonial do Salazarismo". *Revista USP* n.º.45 (2000): 48-61. Acedido em 15 março 2015.

<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30108/31993>.

Monteiro, Bruno José Rodrigues. *A Política em Todos os Seus Estados: Génese e Estruturação da Mobilização Política no Patronato, na Intelectualidade e no Operariado Portuense na Segunda Metade do Século XX*. Porto: [Edição do Autor], 2012. 2 volumes.

Monteiro, Bruno e Pereira, Virgílio Borges. "Os Intelectuais, o Poder e a Cidade. O Espaço Social dos Intelectuais do Porto no Estado Novo (1858-1965)". Monteiro, Bruno e Pereira, Virgílio Borges (orgs.), *Intelectuais Europeus no Século XX: Exercícios de Objectivação Sócio-histórica*. Porto: Edições Afrontamento, 2014. 217-258.

- Nogueira, Cristina. “Vivências e Práticas de Formação na Clandestinidade Comunista (1940-1974)”. Monteiro, Bruno (org.), *Contributos para a História Social do Porto: Sociedade, Política e Cultura no Estado Novo*. Porto: Deriva, 2011. 159-192.
- Ó, Jorge Ramos do. “Censura”. Rosas, Fernando Rosas e Brito, J. M. Brandão de (dirs.), *Dicionário de História do Estado Novo*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Volume 1. 139-141.
- Pinho, Vitor Manuel Ferrinho. *A Oposição Nas Eleições Presidenciais Portuguesas de 1958: Protagonistas, Estratégias e Balanço*. Covilhã: [Edição do Autor], 2013.
- Raby, David Lander. “Oposição”. Barreto, António e Mónica, Maria Filomena (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplemento)*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1999. 640-642.
- Raby, Dawn Linda. *A Resistência Antifascista em Portugal: Comunistas, Democratas e Militares em Oposição a Salazar, 1941-1974*. Lisboa: Salamandra, D. L., 1990.
- Ramos, Rui. “Presença”. Barreto, António e Mónica, Maria Filomena (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplemento)*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1999. 144-146.
- Reis, Carlos. “Neo-realismo”. Barreto, António e Mónica, Maria Filomena (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplemento)*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1999. 597-599.
- Rocha, Clara Crabbé. “Os Novos Caminhos da Literatura”. Reis, António Reis (dir.), *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1990. Volume 5.
- Rosas, Fernando. “Unidade Antifascista”. Rosas, Fernando Rosas e Brito, J. M. Brandão de (dirs.), *Dicionário de História do Estado Novo*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Volume 1. 991-996.
- Rosas, Fernando. *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- Santos, Alfredo Ribeiro dos. *História Literária do Porto Através das Suas Publicações Periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.
- Saraiva, José Hermano (coord.). *História de Portugal: Dicionário de Personalidades*. Matosinhos: Quidnovi, 2004.
- Silva, Franco Santos Alves da. *O Jornal Portugal Livre Buscando uma Identidade da Oposição ao Salazarismo no Exílio Brasileiro (1958-1961)*. Porto: [Edição do Autor], 2002.

Silva, Germano e Duarte, Luís Miguel (coords.). *Dicionário de Personalidades
Portuenses do Século XX*. Porto: Porto Editora, 2001.

Atividades Desportivas no Porto em Finais do Século XIX (1893-1894)

– Fernanda Margarida Moreira

Resumo

Tendo como limite espacial a cidade do Porto e temporal o período que vai de julho de 1893 a junho de 1894, esta investigação tem como objeto a análise das principais atividades desportivas portuenses, através do jornal *O Comércio do Porto*, e tem como objetivos específicos conhecer as modalidades desportivas praticadas neste período, compreender a sua expressividade para a época, assim como os seus intervenientes.

Ficou clara, por um lado, a predominância do Ciclismo e, por outro, a pouca expressão do Futebol, quase como se tivéssemos invertido os papéis da atualidade. No que à participação feminina diz respeito, esta resumia-se quase em exclusivo à assistência, reservando-se a competição para os homens. Apesar de as atividades desportivas se demarcarem um pouco pela falta de organização, evidenciando que estavam a dar os primeiros passos, a verdade é que, pelas referências da altura, a assistência pautava-se por ser quase sempre numerosa, fazendo parte dela elementos de todos os estratos sociais.

Palavras-chave: História do desporto; Século XIX; Porto; *O Comércio do Porto*; modalidades desportivas; desportistas; instituições associativas; clubes.

Abstract

This article analyzes the sports practiced in the city of Porto between July 1893 and June 1894, using the newspaper *O Comercio do Porto*. Our goal is to know the most practiced sports modalities there and then.

It was clear, on one hand, the prevalence of cycling and, secondly, the low expression of football, almost as if the present prevalence was inverted. Concerning women's participation, this was confined almost exclusively to caretaking, as the competition was reserved for men. The early years of these sports were characterized by poor organization and a numerous assistance, having spectators from all social classes.